

**É TUDO UMA QUESTÃO DE TEMPO:
CONVERSAS SOBRE ESPAÇO,
EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO EM
GEOGRAFIA**

*IT'S ALL A MATTER OF TIME:
CONVERSATIONS ABOUT SPACE,
EXPERIENCE AND TRAINING IN
GEOGRAPHY*

*TÍTULO EM UMA SEGUNDA
LÍNGUA (ESPANHOL OU
FRANCÊS)*

Felipe Costa Aguiar
Doutorando em Geografia pelo Programa de
Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEL)
da Universidade Estadual de Londrina
(UEL)
felipeaguiar@id.uff.br

Larissa Alves de Oliveira
Professora do Departamento de Geografia
(DGEO) da Universidade Estadual de
Londrina (UEL)
larissa.deoliveira@uel.br

Jeani Delgado Paschoal Moura
Professora do Departamento de Geografia
(DGEO) e do Programa de Pós-Graduação em
Geografia (PPGEO-UEL) da Universidade
Estadual de Londrina (UEL)
jeanimoura@uel.br

Resumo:

Do convite provém o diálogo. É desse modo que a proposta para escrita deste artigo aparece, como ímpeto do diálogo entre professores. Um diálogo que se inicia falando sobre tempo e vai se aprofundando nas aflições e esperanças daqueles que circundam o chão da escola, de uma geografia do cansaço que atravessa e é atravessada pelos docentes que a realizam cotidianamente. Dessa maneira, o presente artigo tem por objetivo propor reflexões acerca da experiência e formação em Geografia a partir da troca de e-mails realizada por docentes. É em Larrosa, Heidegger, Freire entre outros autores que os docentes/autores incorporam a realidade à reflexão, apontando o cansaço, a pressa e o excesso de obrigações como *modus* de perda de uma geografia vivida e poética. O caminho da experiência desponta como possibilidade, como modo de pausa, de respiro para ver o mundo e se ver nesse mundo. De escrita livre, mas encorpada de referências, o artigo finaliza em um suspiro de esperança, em uma sexta-feira, que vai além dos dias da semana e desvela um recomeço, dos múltiplos possíveis.

Palavras-chave: Diálogo, Reflexão, Docência.

Terra Livre

São Paulo

Ano 40, v.1, n.64, jan-jun 2025

ISSN: 2674-8355



Este trabalho está licenciado com <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Abstract:

From the invitation comes dialogue. This is how the proposal for writing this article appears, as an impetus for dialogue between teachers. A dialogue that begins by talking about time and goes deeper into the afflictions and hopes of those who surround the school floor, a geography of tiredness that crosses and is crossed by the teachers who carry it out on a daily basis. Therefore, this article aims to propose reflections on experience and training in Geography based on the exchange of emails carried out by teachers. It is in Larrosa, Heidegger, Freire among other authors that teachers/authors incorporate reality into reflection, pointing out tiredness, rush and excess obligations as a way of losing a lived and poetic geography. The path of experience emerges as a possibility, as a way of pausing, of breathing to see the world and see oneself in that world. Freely written, but full of references, the article ends in a sigh of hope, on a Friday, which goes beyond the days of the week and reveals a new beginning, of the multiple possible ones.

Keywords: Dialogues, Reflections, Teaching.

Resumen:

De la invitación surge el diálogo. Es así como surge la propuesta de escribir este artículo, como un impulso para el diálogo entre docentes. Un diálogo que comienza con una discusión sobre el tiempo y profundiza en las aflicciones y esperanzas de quienes rodean el recinto escolar, en una geografía de la fatiga que permea y es transitada por los docentes que la practican a diario. Así, este artículo busca proponer reflexiones sobre la experiencia y la formación en Geografía a partir de intercambios de correos electrónicos entre docentes. Es en Larrosa, Heidegger, Freire y otros autores que los docentes/autores incorporan la realidad a su reflexión, destacando la fatiga, la prisa y las obligaciones excesivas como formas de perder una geografía vivida y poética. El camino de la experiencia emerge como una posibilidad, una forma de pausa, de respiro para ver el mundo y verse en él. Escrito libremente, pero lleno de referencias, el artículo termina con un suspiro de esperanza, en un viernes que trasciende los días de la semana y revela un nuevo comienzo, de múltiples posibilidades.

Palabras-clave: Diálogo, Reflexión, Enseñanza.

UM E-MAIL...UM CONVITE...UMA CONVERSA...ACEITAM?

De: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br.

Para: Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br;
Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Data: 25 mai. de 2024, 17h08.

Queridas Larissa e Jeani,

Em meio às nossas reflexões cotidianas sobre sala de aula, muitas vezes nos vemos imersos nas demandas do trabalho e, com raras exceções, acabamos deixando de lado a escrita e a autoria que também nos habitam. O contexto laboral da exaustão, reprodução e instrumentalização do trabalho docente nos desumaniza e destitui o espaço da autoria e da experiência, restringe a formação inicial e continuada à reprodução técnica dos conteúdos geográficos e nos deixa pouco ou nenhum espaço para a criação. Para Aguiar (2022; 2024), essa situação de trabalho reflete e é reflexo da exaustão da docência que esgota os professores por meio da sua própria instrumentalização e os impede de criar, os desgasta como máquinas fabris que se carcomem de tanto repetir o mesmo movimento – aulas, atividades, avaliações etc.

No texto “O ensinar cansado de uma Geografia enferma” Bernardes, Aguiar e Frigério (2022) concluem que os professores de Geografia têm vivido uma docência enferma e um ensinar cansado. Ambos fenômenos são resultados da instrumentalização do trabalho docente que torna os professores repetidores e implementadores de diretrizes curriculares, avaliações de larga escala, livros didáticos e aulas prontas, como nos sistemas de ensino estaduais em São Paulo e no Paraná.

Forçados à instrumentalização, os docentes são destituídos da possibilidade de criar, tornando-se existencialmente enfermos, já que a sua realização no trabalho é minada pela repetição. Assim, o ensino de Geografia se torna cansado, reflexo do estado existencial dos professores. Esse é um ciclo triste e perigoso que se repete e se retroalimenta.

No entanto, Aguiar (2024) apontou que esse contexto não é determinante, pois há táticas de resiliência que buscamos para lutar contra a desumanização da/na docência. Para o autor, a razão para continuarmos na docência é que apesar de todas as agruras que enfrentamos somos capazes de criar táticas para que lutemos e desestabilizemos as estruturas de opressão, abrindo espaços férteis para a reumanização da educação. Dentre esses estão os espaços de diálogo, conversa, ajuda e trabalho coletivo.

Pensando nisso e retomando Azevedo (2004), Valladares e Frigério (2015) e Aguiar e Freitas (2023), acredito que o diálogo é um dos espaços férteis para reumanização da formação docente, de modo que juntos possamos fazer aquilo que os espaços de exaustão e instrumentalização não nos permitem: pensar, refletir, sentir e criar. É para um diálogo que gostaria de convidá-las.

Em torno de que nossas conversas girarão? Com Aguiar (2022; 2024) e Benardes, Aguiar e Frigério (2022) percebo que há no mínimo três dimensões da formação docente que têm sido afetadas pela Geografia nos tempos de instrumentalização: tempo, espaço e experiência. Gostaria de convidá-las para um reencontro com essas dimensões para pensar, refletir e partilhar como elas se encontram em nossa formação, lutando contra as formas de desumanização do ser docente. Nesse contexto, lutar contra as forças que tentam fazer

com que nos tornemos máquinas de repetição sem afetos é uma das táticas de resiliência mais potentes. Quem sabe não chegamos a algum lugar conversando?

Com carinho,

Felipe

UM CONVITE À TERCEIRA DIMENSÃO: O TEMPO

De: Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Para: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br; Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br.

Data: 26 mai. de 2024, 20h19.

Olá Felipe,

Olá Larissa,

Adorei a proposta! Concordo com a ideia de refletirmos, escrevermos e compartilharmos como essas dimensões - tempo, espaço e experiência - se cruzam em nossa formação. Estou animada para ver as diferentes perspectivas que surgirão dessa troca, até porque nós estamos em uma “leve” distância em termos de tempo de formação. Assim, seguimos com o nosso ser-sendo, nos formando e reformando. Vamos em frente com essa troca...

Abraços,

Jeani

O TEMPO DA FORMAÇÃO

De: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br.

Para: Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br; Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Data: 14 jun. de 2024, 17h54.

Queridas Jeani e Larissa,

Como tem passado desde o convite/e-mail/contato? Desde o dia 25/05 estive pensando no que escrever. Com o passar do tempo algumas ideias apareceram e outras sumiram. Matutei... matutei... matutei... até que algumas coisas vieram à mente, mesmo com o pouco tempo que tinha, por mais que o espaço entre o último e-mail e o envio deste pareça ser muito largo, os minutos passaram com rapidez, as horas avançaram e os dias, então...nem me falem!

Minhas amigas, me desculpem se eu fugir do tema ao qual nos propusemos a escrever e conversar neste artigo. Ao tentar refletir sobre experiência, espaço e tempo na formação em Geografia, uma coisa me convocou: o sentido de tempo.

Nesses últimos dias tem me faltado tempo para escrever sobre o espaço. Tenho tropeçado na minha própria agenda, confesso. Deixo um espaço reservado para cada atividade e, mesmo assim, me falta tempo para fazer tudo. Esses dias escrevi que as manhãs de segunda e sexta-feira seriam de dedicação à tese, um tempo de escrever, mas adivinhem...me faltou espaço para fazer outras coisas e acabei negligenciando o tempo da escrita. Às vezes me deceptio com a falta de tempo, porém, nesse caso, arrumei outro espaço na minha agenda para fazer essas atividades. Tirei um tempinho do final de semana e, um certo sábado de descanso virou um dia de trabalho.

Impossível escrever sobre a falta de tempo para escrever sobre experiência, espaço e tempo e não me recordar do filósofo Martin Heidegger (2012) e de uma de suas obras mais lidas, *Ser e Tempo*. Como coloca Heidegger, *Ser é tempo*, pois é temporalidade, tempo experienciado. *Ser é tempo*, pois se temporaliza, se desdobra à medida que o tempo passa, que nos atravessa.

Agora, parando um pouco para pensar, finalmente dedicando tempo a essa conversa que estamos tendo, é Larrosa (2002) que recorre a Heidegger para retomar o sentido de experiência, não é mesmo? Aliás, esse é um autor que passei a ler com mais calma depois de conhecer vocês. Tenho gostado da ideia de que a experiência é o que nos atravessa. Longe de querer defendê-la só por gostar, mas pelo sentido que isso nos expressa. Se a experiência é o que nos atravessa podemos perguntar “como ela nos atravessa?” ou, no âmbito da nossa conversa, “como experiência, espaço e tempo nos atravessam na formação em Geografia?” Acredito que responder essa pergunta é, de certa forma, praticar aquilo que Heidegger (2012) apontou como motivo primeiro de toda filosofia: buscar o sentido de ser.

Esta escrita me fez recordar uma fala do nosso amigo Werther Holzer (2024), no último Seminário Nacional Sobre Fenomenologia e Geografia (SEGHUM), em Teresina-PI. Em sua fala na conferência de abertura Werther, inspirado pelo livro “Sociedade do Cansaço” do filósofo Byung-Chul Han (2015), indagou os ouvintes: “Que Geografia temos feito na sociedade do cansaço?” Acredito que ao falarmos sobre espaço, experiência e formação em Geografia o tempo não pode ser deixado de lado, ele é condição existencial fundamental da nossa existência, somos seres espaciais porque somos temporais e vice-versa. Eis aqui a geograficidade que Dardel (2011) cunhou, a nossa relação inalienável com a Terra.

A Terra tem o próprio tempo, que ensinamos na Geografia Escolar como “tempo geológico”, que é dividido em Éon, Era, Período, Época e Idade, uma forma de abstrair conceitualmente e categorizar as formas da Terra de cada tempo. Esse tempo é tão diferente do

nosso que precisamos dessas formas simbólicas para caracterizá-los, categorizá-los e conceituá-los para torná-los compreensíveis em nossa escala temporal.

Contudo, o tempo da Terra sempre prevalece. Não é por menos que ainda pouco me referi à “sociedade do cansaço” e não à “Terra do cansaço” ou ao “cansaço da Terra”. Mas bem que esse último poderia ser algo interessante de se discutir, porque a Terra está cansada da sociedade do cansaço. Não é novidade que o modo como temos vivido o tempo está estafando o planeta! Não há espaço para tanto cansaço, muito menos para as geografias (no sentido estrito da palavra, as grafias da Terra) que nós temos deixado sob o planeta.

Como essa experiência atravessa a formação em Geografia? Já disse que concordo com Heidegger (2012) que Ser é tempo, certo? No tempo da pressa tenho tentado não tropeçar na falta de espaço para as discussões relevantes; nem sempre consigo, mas tento separar o tempo do estudo e deixar espaço em minha estante para leituras importantes, como Literatura, e não só para as leituras de demanda “obrigatória”; tenho buscado experienciar outros espaços que não aqueles cansativos, como salas de aula bancárias criticadas por Freire (2013); tenho tentado escrever com mais calma e me reservar ao direito de sonhar em Geografia, como Grato (2016) escreveu, de pensar outros espaços e tempos para a formação, principalmente no que diz respeito à escrita e ao que escrevo.

Ultimamente tenho escrito coisas que me permitem pensar com mais prazer, como essa conversa que estamos tendo e este e-mail, que muito me lembra das cartas pedagógicas de Paulo Freire, sua maneira peculiar de manter o diálogo entre os professores.

Escrever com prazer, acho que essa é uma forma de sonhar com um outro modo de fazer e de experienciar a formação em Geografia, uma geografia da calma, e não do cansaço.

No tempo da pressa, conseguir pausar – mesmo enquanto o tempo passa e me atravessa – para conversar com vocês é a realização do direito de sonhar em Geografia. Como Valladares (2013, p. 285) escreveu, “sonhar significa lutar por algo que pode ser melhor. Creio que sonhos permanecerão como sonhos apenas enquanto não se desencadearem ações que possam torná-los concretos”. Estamos aqui, lutando contra o tempo do cansaço e contra a falta de tempo para coisas fundamentais para a formação em Geografia, como o tempo para a observação, diálogo, reflexão e escrita.

No início deste e-mail reclamei da falta de tempo, e agora estou aqui, me delongando e tomando o tempo de vocês. O que estão deixando de fazer para estarem nessa conversa, professoras? Hoje, doutorando em Geografia, sou subsidiado pela CAPES para me dedicar à pesquisa em tempo integral. Em 2022, estava na coordenação pedagógica de uma escola de Educação Básica, sem tempo para nada, cobrando os professores que corrigissem as provas a tempo, que terminassem as aulas na hora para não tomarem tempo dos colegas, que deixassem espaço para os conteúdos disciplinares e ainda trabalhassem com as experiências dos estudantes. Parece hipocrisia criticar o tempo da pressa, sendo que a pouco tempo atrás eu era despertador dos meus colegas professores.

Mas eram espaços diferentes, tempos outros que não os de agora. Hoje reconheço que talvez cobrava os professores coisas que eles não tinham tempo para fazer, principalmente observar,

dialogar, refletir e escrever com e sobre os estudantes. Impossível não retomar a fala de Werther (2024) sobre a Geografia que temos feito na sociedade do cansaço.

Espero encontrá-las bem, apesar do tempo corrido!

Abraços,

Felipe

O TEMPO DA EXPERIÊNCIA...

De: Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br.

Para: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br; Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Data: 27 jun. de 2024, 11h50.

Caros Jeani e Felipe,

Suas reflexões me provocaram um movimento que demandou tempo para organizar tantas fissuras em proposições que, até aquele momento, haviam passado despercebidas.

Talvez este seja o movimento lembrado como experiência, no sentido que Larrosa (2002) tão bem descreve: “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Fui tocada por essas palavras ao lembrar que o tempo segue, e é nele - e com ele - que as experiências marcam e delimitam o lugar.

É curioso que, ao discorrer sobre o que é a experiência, Larrosa (2002) desvela a peculiaridade de nosso próprio entorno, evidenciando a dicotomia de nosso tempo diante da própria experiência, uma vez que “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (Larrosa, 2002, p. 21).

Suas palavras me fizeram recordar esta última passagem, pois, ainda que a gente discuta sobre o tema, permanecemos imersos nesse cotidiano repleto de tantas coisas e poucas experiências.

As fissuras, as quais me referi nas primeiras linhas deste escrito, se referem ao movimento de atentar os olhos ao espaço, especificamente ao lugar e, por vezes, compreendermos o tempo apenas como um elemento de passagem. Desse modo, essa dicotomia de espaço-tempo é o que torna a compreensão da experiência incipiente.

O tempo expressa no lugar uma contextualização singular, como exemplo podemos retomar o próprio Heidegger (1977), mencionado no e-mail. O filósofo alemão recorreu à pintura de Van Gogh que retrata os sapatos de uma camponesa para argumentar que eles estavam em outro lugar, distinto daquele em que habitualmente estão.

Simbólico, eu diria. Trata-se da descrição da experiência de Heidegger com a própria obra de arte, em que os sapatos não retratam um simples objeto, mas desvelam a existência per si da camponesa. Essa existência, revelada pelos sapatos, manifesta-se na lida com a lavoura, no trabalho empregado, nas manhãs iniciadas a caminho do campo; é pelos sapatos que passamos a conhecer o mundo da camponesa. A descrição desse ensejo heideggeriano transcende a compreensão de mundo da camponesa e nos leva à reflexão sobre nossa própria cotidianidade, pois os objetos passam a ser percebidos como janelas que desvelam a nossa existência.

Felipe, como você havia mencionado sua estreita relação com a docência, e escrevo daqui, na atual posição de professora de Geografia, me peguei pensando em quantas vezes experienciei o

espaço escolar e, mais que isso, em quantas vezes os objetos e a própria escola desvelaram sobre mim.

Quantas vezes o giz e o quadro desvelaram minha própria existência? Quantas experiências - daquelas que nos atravessam e nos tocam - já aconteceram na escola? Tais perguntas não buscam resposta concreta, mas rememoram que o tempo está ali, compondo, tecendo e sendo tecido pelo lugar e pela experiência, nos dando “pistas” de nossa própria existência.

É nessa composição que fui levada à reflexão sobre a formação, pois, quando falamos em docência, somos lembrados de nosso papel na formação do outro, do educando, que também compartilha seu tempo, sua experiência e sua existência.

Gadamer (2001, p. 14) afirmava “educação é educar-se, formação é formar-se”, evidenciando o papel do próprio sujeito na educação, que ocorre antes da escolarização propriamente dita. Retomando Heidegger (2012) e Freire (2013; 2015) para a construção dessa ideia, podemos mencionar algumas aproximações entre os autores, que compreendiam a necessidade da criação de espaços de liberdade para aprender. Contudo, não falamos aqui tão somente de espaços físicos, mas de espaços de relação e alteridade.

Nesse processo está incluído o próprio docente, que, enquanto “educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (Freire, 2013); ou seja, o educador também está em constante processo de formação, como o educando.

Caros, ainda escreverei mais e desdobrarei melhor esses pensamentos no final de semana, mas já me sinto feliz por compartilhar essas inquietações com vocês.

Um abraço!

Larissa

O TEMPO PARA CONTEMPLAÇÃO...

De: Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Para: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br; Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br.

Data: 28 jun. de 2024, 01h02.

Caros Felipe e Larissa,

Confesso que ando sem inspiração em um momento em que a exaustão parece tomar conta de mim. Vivemos tempos difíceis na Educação! Os profissionais que desejam fazer bem, o que precisa ser feito, têm enfrentado muitos obstáculos em seus espaços e tempos de vida e de trabalho. Não tem sido fácil a vida de professor!

Muitos professores que concluíram seus ciclos, aqui na universidade, se aposentaram. Seus lugares têm sido ocupados por jovens doutores que vêm e vão, passam por nós, mas poucos conseguem fincar suas estacas e construir uma experiência autêntica na docência. Talvez lhes falte o tempo para atravessamentos e afetações.

Certo é que vivemos tempos difíceis de aceleração que comprimem nossos espaços e experiências, em que as palavras de ordem são: competência, habilidade, desempenho, eficiência, produtivismo... [a lista é longa!]. A onda neoliberal que atingiu também o campo da formação docente agravou a situação desta universidade cansada. Esta instituição, cuja essência é formar homens e mulheres, parece ter perdido a sua força, mas talvez isso seja apenas uma percepção pelas lentes de exaustão e cansaço de um ser-docente.

Pelas palavras de Werther (2024), Felipe nos lembrou de Byung-Chul Han (2015). Este pensador tem nos alertado sobre essa sociedade do desempenho, onde recai sobre os sujeitos a pressão para maximizar a produtividade e a eficiência. O século XXI trouxe consigo a marca do empreendedorismo e da uberização da vida, em que o sujeito do desempenho se encontra em guerra consigo mesmo, pois, guiado pelo discurso da positividade, ele se autorregula, adentrando em um ciclo vicioso de produtivismo, cansaço, exaustão e esgotamento.

Isso tudo me trouxe à mente as sábias palavras de Sêneca, que, por volta de 49 d.C., já apontava as contradições inerentes ao tempo de nossas vidas. Ele dizia: “a vida é bastante longa e nos foi dada com largueza para a realização das coisas mais importantes desde que bem alocada por inteiro” (Sêneca, 2021, p. 25). O que pode ser mais importante do que viver nossas próprias experiências de forma plena, no sentido daquilo que nos atravessa e nos afeta profundamente?

O ócio e o descanso se tornaram os grandes pecados capitais de nosso tempo. Ora, Han (2015) diria que, sem o ócio e o descanso, perdemos nossa capacidade contemplativa. Sêneca (2021), muito antes, defenderia que há três modos de se viver: um voltado para o prazer; outro, para a contemplação; o terceiro, para a ação. Apesar de nomenclaturas diferentes, segundo ele, daria no mesmo: quem aprova o prazer não fica sem contemplação, quem se devota à contemplação não fica sem o prazer, e quem destinou sua vida à ação não fica sem a contemplação.

Quero compartilhar com vocês algumas reflexões que têm me instigado diuturnamente e que tem a ver com esse tempo que

atravessa nossos múltiplos espaços formativos, em que precisamos redescobrir o valor da experiência. Em tempos de tanta correria e (o)pressão, fazer uma pausa para reconsiderar nossa trajetória me parece essencial para vislumbrar atalhos, ou quem sabe novos caminhos.

Mas, diante de tantos desafios que temos enfrentado, especialmente no campo da docência, caberia falar sobre prazer, contemplação e ação, como desejava Sêneca?

Felipe, encontro o fio de Ariadne quando reflito sobre o prazer e a contemplação ativos, cheios de ação e sentido. Larrosa (2018; 2019) bem lembrou que o professor é artesão do tempo, da presença e do diálogo.

Em nossa formação, Larissa, precisamos do tempo para a contemplação, do prazer na/da presença e na/da manifestação de nossa corporeidade e do diálogo como expressão e potência para ação. Em nossas geograficidades, nos deparamos com coisas que nos ligam à Terra e nos permitem a experiência. Eis o que nos diferencia como mestres de nossas próprias artesanias: é somente pela experiência que nos fazemos na docência.

Porém, o sentido de experiência que remonto não é aquele que tem sido mobilizado nos espaços educacionais desumanizadores causadores da instrumentalização docente. Com Marandola Jr (2024), Moura (2024), Larrosa (2018; 2019) e Gadamer (2001) penso a experiência como hermenêutica, como vivência e interpretação do vivido, como atravessamento e reflexão. Na docência, esse sentido nos leva a experienciar e refletir sobre o experienciado, para então agir na realidade vivida buscando a sua transformação. Assim, ao dizer que nos fazemos na docência pela experiência, quero dizer que

é pela reflexão crítica acerca do que vivemos como professores que é possível mudar os espaços educacionais que têm nos desumanizado.

Me perdi no tempo, o relógio já marca 00h58, amanhã, com calma quero pensar mais sobre isso.

Um grande abraço!

Jeani

O TEMPO PARA DEIXAR-APRENDER...

De: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br.

Para: Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br;
Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Data: 28 jun. de 2024, 11h30.

Queridas,

Em meio ao “tempo da pressa” volto a nossa conversa. Recebi os e-mails de vocês durante a semana e me senti “obrigado”, entre muitas aspas, a responder logo rsrs. Creio que talvez eu tenha sido atravessado pelas suas palavras, que eu tenha vivido uma experiência no sentido larrosiano que Larissa bem nos lembrou. Não sei se vivi uma experiência com a leitura, com a conversa, com as palavras ou se tudo isso se misturou. Enfim, o fato é que em meio a pressa algo me passou...algo me atravessou nessa conversa.

A falta de tempo parece ser um problema crônico de nossa época, não?! Concordo, Jeani, nós somos a sociedade do cansaço de Han (2015). Quis pensar com você e Larissa: se, por um lado, muita coisa nos acontece e pouca coisa nos toca, por outro, é possível que alguma coisa nos toque e não percebamos, tamanha a exaustão e o cansaço que nos acometem nos dias de hoje. Quero dizer que, mesmo quando pensamos que estamos em tempo de contemplação, podemos

estar apenas vendo (muito rapidamente) as coisas passarem. Para contemplar é preciso tempo de qualidade, de sossego, e não de longas horas.

Vocês me fizeram pensar não na formação do tempo, pois acredito que sabemos bem como o tempo corre na sociedade do cansaço, mas na formação em tempos de celeridade, exaustão e esgotamento.

Não conhecia essa colocação de Gadamer (2001) sobre a educação, os educandos e os educadores, mas é algo que se aproxima muito da didascália de Paulo Freire (2013; 2014) que, de certo modo, se relaciona com as considerações de Heidegger (2012) sobre o mestre e o aprendiz e o deixar-ensinar. Esse foi um trecho da conversa que me tocou, a partir dele pensei: se formação é formar-se (Gadamer, 2001), se educadores e educandos se educam uns aos outros (Freire, 2013; 2014) e o verdadeiro mestre é aquele que deixa aprender (Heidegger, 2012), o modo como temos formado professores reflete diretamente no modo como os licenciandos de hoje formarão os educandos de amanhã.

Há, de fato, tempo para deixar-aprender? Temos condição de permitir que nossos educandos da universidade e da escola aprendam, ou ainda hoje nos resta tempo apenas para decorar as definições conceituais elencadas como as corretas pelos cânones das áreas, aplicar avaliações objetivas para as redes de ensino, produzir dados numéricos para as avaliações dos cursos e programas de graduação e pós-graduação? Há tempo para outra coisa que não seja a pressa e as demandas que surgem com uma velocidade amedrontadora? Me parece que está tudo tão rápido que não há mais tremores intensos da experiência, do atravessamento potente, mas

apenas tremores do tempo - dos relógios que correm e insistem em nos lembrar dos prazos e demandas.

Agora, corro para cumprir outras demandas, mais tarde volto a nossa conversa.

Um abraço!

Felipe

TEMPO PARA PLANAR ESPAÇOS

De: Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Para: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br; Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br.

Data: 28 jun. de 2024, 18h18.

Oi, gente!

Agora são 17h30', última sexta-feira de junho! No popular, estamos quase na hora de escapar das atividades rotineiras da semana e, com muito entusiasmo, gritar: “sextou”! O “sextou” traz consigo a ambivalência do tempo como uma dimensão complexa da experiência humana. É o tempo linear e cíclico, objetivo e subjetivo. Tempo que é continuidade do passado, experiência do presente e antecipação do futuro. A ideia que me vem à mente é que precisamos da autorização do “sextar” para nos desprendermos do mundo objetivo das coisas e passarmos a mergulhar no universo do ócio e da contemplação, onde vestimos os nossos trajes de liberdade para, enfim, desfrutar de lugares!

Todos nós, viventes, nos relacionamos com o mundo de maneira geográfica. Disso não há como escapar!

Porém, há algo especialmente inédito em nossa formação em Geografia, que é a capacidade de nos conectar aos lugares de forma

intencional, seja pela experiência, seja pela imaginação. É sobre os lugares que quero falar com vocês! Holzer (2012) nos diz que o objeto da geografia clama por um aporte fenomenológico que se dirija à experiência cotidiana do mundo, ou, em outras palavras, que a explore como experiência geográfica, estas que se manifestam da nossa relação com o mundo. Isso indica que, pela abordagem fenomenológica, podemos mudar a maneira como percebemos e interagimos com os lugares.

A tarefa hercúlea do professor de Geografia é o constante lançar-se nos lugares. Nos lugares que não podemos desfrutar diretamente pela nossa corporeidade, nos estenderemos pela nossa imaginação geográfica: lemos livros, histórias, aventuras; buscamos dados, imagens, objetos e tantos outros artefatos para encontrarmos “janelas que desvelam a nossa própria existência”, como disse Larissa.

É o professor em sua dodiscência freiriana, que se estende intencionalmente para o mundo a fim de planar pelas cidades e campos, por diferentes territórios e paisagens para se conectar emocionalmente aos lugares e as coisas. Somente emocionalmente conectado é que o mestre tornará os lugares mais ricos para “deixar-aprender”, provocando esses tremores intensos da experiência e de atravessamentos potentes, como deseja Felipe.

O que queria destacar antes de finalizar, é que, em nossa formação geográfica, precisamos colecionar lugares! Ah, os lugares! Lugares de nossas experiências! Lugares que nos afetam e nos ensinam a atravessar o tempo e o espaço e nos lembra que o “sextar” é fechamento e abertura, começo e recomeço. O sextar não separa, ele une! Por isso tudo, quando nos felicitamos com um “sextou”,

estamos celebrando mais do que apenas o fim de uma semana de trabalho. Estamos interagindo com a complexidade do tempo e do espaço, permitindo-nos desconectar das obrigações e reconectar com a essência dos lugares e das experiências.

O “sextar” nos oferece o ócio e a contemplação, mas não nos deixa esquecer de que o agir contemplativo é uma oportunidade de explorar o mundo através de uma lente geográfica, colecionando momentos de prazer e lugares que formam nossa identidade e ampliam nosso entendimento a apreço sobre as coisas, nos tornando, quiçá, mais solidários, em um mundo em construção.

Nessa sociedade do cansaço, convido vocês a mergulharem no ócio criativo, na contemplação profunda e na vivência poética dos lugares. Portanto, Larissa e Felipe, que possamos “sextar” para experimentar novas paisagens e lugares, valorizando cada instante de nossa geograficidade nesta jornada contínua de aprendizado e transformação de nossa existência.

Estamos cansados, mas não inertes! Exauridos, mas não caídos!

Que bom saber que em nossa existência nos permitimos recomeçar sempre!

Um grande abraço, afinal, sextou!

Jeani

O TEMPO DO RECOMEÇO

De: Larissa Alves de Oliveira, larissa.deoliveira@uel.br.

Para: Felipe Costa Aguiar, felipeaguiar@id.uff.br; Jeani Delgado Paschoal Moura, jeanimoura@uel.br.

Data: 30 jun. de 2024, 18h28.

Caros,

Que felicidade a leitura desse diálogo, me sinto muito contemplada por nossas inquietações, e fui me recordando de tantas leituras, ideias que, não buscando me alongar, me lembraram de algo anterior: estamos na geografia.

Aqui trago a Geografia não para enrijecer nosso diálogo e cercá-lo de uma cientificidade que necessita ser provada e aprovada a todo momento, mas para recordar que “antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato” (Dardel, 2011, p. 1-2). O que quero dizer é que a própria geografia já está presente em nossas experiências, para que, a partir delas, possamos produzir essa Geografia científica e acadêmica, à qual dedicamos tanto tempo.

É curioso perceber que, ao mudarmos, a (G)geografia também muda - tanto a da vida quanto a que buscamos produzir. Refiro-me a uma geografia que se apresenta múltipla, elástica e resiliente em sua própria história, talvez por conta dos seus múltiplos envolvidos.

Lembrei-me da última entrevista cedida por Graciliano Ramos à revista O Globo (2012 [1996], s/p), na qual lhe perguntado se sua obra de ficção era autobiográfica, e ele respondeu: “Nunca pude sair de mim mesmo. Só posso escrever o que sou. E se os personagens se comportarem de modos diferentes, é porque não sou um só”.

Essa resposta do escritor ecoa em mim a cada vez que, como lembrou Jeani, resolvo desfrutar dos lugares que não pude vivenciar diretamente pela minha corporeidade. Essa proposição de Graciliano

pode ser entendida para além da literatura, incorporando também o nosso fazer geográfico.

Me refiro, por estas linhas, à nossa multiplicidade e a como isso também se reflete na produção da ciência geográfica e, claro, em nossa docência. Dessa forma, busco não esquecer que, se sou múltipla, a minha formação será constante e, conseqüentemente, minha docência também.

Encerro acreditando que essa multiplicidade é também uma oportunidade que, como evidenciam as linhas finais de Jeani, revela a possibilidade de recomeçar.

Que os nossos recomeços, Jeani e Felipe, sejam tão múltiplos quanto forem possíveis.

Um abraço. Com carinho.

Larissa

SOBRE EXPERIÊNCIA, ESPAÇO, TEMPO NA FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA

Ao nos propormos a escrever sobre experiência, espaço e tempo na formação em Geografia, nos comprometemos a pensar sobre como essas dimensões formativas nos atravessam em nossa relação com a docência em Geografia - cada um em sua realidade, cada um em sua situação.

Nosso diálogo iniciou com a questão do tempo e como a experiência de tempo nos impacta, inclusive a forma como a celeridade e o cansaço nos conduzem a uma escrita menos livre pelo excesso de demandas a serem concluídas. O tempo de envio e resposta dos e-mails também é uma prova disso.

A dimensão temporal veio à tona porque, como Heidegger (2012) colocou, nós somos seres temporais, que experienciam tempo

e se reconhecem temporalmente. O tempo que nos constitui é o tempo tal como ele é vivido, por isso não há como falarmos de espaço, experiência e formação em Geografia se não tocarmos no modo como essas dimensões formativas são vividas temporalmente.

Em nosso caso, falar de tempo, espaço, experiência na formação em Geografia, é tratar do tempo da celeridade e do cansaço, que tem nos exaurido com a quantidade de demandas excessivas e surgido como um tempo de desafios, pois é desafiador continuar a sonhar com uma docência mais humana, pois temos vivido o tempo quase como máquinas, que apenas cumprem funções técnicas.

No entanto, embora estejamos vivendo um cansaço extremo e sofrendo com demandas excessivas, não somos máquinas, somos quem sente o tempo passar, atravessados pela experiência temporal. Por isso, dizemos que não há como fugir do tempo, aliás, é tudo uma questão de tempo!

Nossas conversas e reflexões convergem para a docência em Geografia, âmbito de trabalho que tem proporcionado a nós, autores e autoras, atravessamentos únicos, experiências no sentido mais existencial do termo. Por ser cada vez mais rara em nosso cotidiano, a experiência é um atravessamento que pode educar, pois nos convoca a compreensão. A experiência de tempo nos educa para perceber nosso mundo e os movimentos que nos levam ao esgotamento e à falta de tempo.

No entanto, reflexões autênticas sobre nossa relação com o tempo experienciado na formação podem surgir dessa compreensão. Esse foi o mote central do nosso texto, conversar sobre essas questões, para então, juntos, compreendermos melhor o tempo em que essas dimensões formativas nos atravessam temporalmente.

Referências

- AGUIAR, F. C. Mesmo exaustos, continuamos-sendo: um enfoque fenomenológico da resiliência docente. **Geograficidade**, v. 14, n. 1, p. 137-150, 2024.
- AGUIAR, F. C. Entre fios de exaustão, laços de resiliência: narrativas de professores no Facebook. 2022. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2022.
- AGUIAR, F. C.; FREITAS, A. Conversas transescalares sobre as crises como bússola profissional. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 18, n. 43, 2023.
- AZEVEDO, J. G. De “abobrinhas” a “troca de figurinhas”. In: AZEVEDO, J. G.; ALVES, N. G. (orgs.). **Formação de professores: possibilidades do imprevisível**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BERNARDES, A.; AGUIAR, F. C.; FRIGÉRIO, R. C. Da sequela docente à querela epistemológica: o ensinar cansado de uma Geografia enferma. **Perspectiva**, v. 40, n. 4, p. 1-16, 2022.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GADAMER, H. Educação é educar-se. **Educação Unisinos**, v. 5, n. 8, p. 13-28, 2001.

GRATÃO, L. H. B. O direito de sonhar em Geografia – projeção bachelardiana. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 22, n. 2, p. 148-155, 2016.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 1977.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. *In*: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.

HOLZER, W. Do ambientalismo ao decolonial: contribuições humanistas para a geografia contemporânea. *In*: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; BATISTA, G. S. (Org.). **Portais da Terra**: contribuições dos estudos humanistas para a geografia contemporânea 2. Teresina: Cancioneiro, 2024. p. 39-72.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, p. 20-28, 2002.

LARROSA, J. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Trad. Cristina Antunes; João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARANDOLA JR., E. **Ensinar-aprender fenomenologia**: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. Teresina: Cancioneiro, 2024.

MOURA, J. D. P. **Ofício na/da docência**: por uma educação sensível à experiência. Teresina: Cancioneiro, 2024.

SENNA, H. A última entrevista de Graciliano Ramos. *Jornal Opção*, 7 out. 2012. Originalmente publicado na **Revista do Globo**, n. 473, 18 dez. 1996.

SÊNECA, L. A. **Sobre a brevidade da vida & sobre o ócio**: diálogos estoicos sobre o tempo. Trad. Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis: Vozes, 2021. (Coleção Vozes de Bolso).

VALLADARES, M. T. R. A Geografia e a propaganda: para ler o mundo e escrever a vida. In: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, T. R. S. (Org.). **(Geo)grafias e linguagens**: concepções, pesquisas e experiências formativas. Curitiba: CRV, 2013. v. 1, p. 285-295.

VALLADARES, M.; FRIGÉRIO, R. Conversas sobre aprender e ensinar Geografia: desatar fios em rede para enfrentar desafios. Instrumento: **Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 17, n. 2, 2015.

Recebido para publicação em 21/05/2025

Aceito para publicação em 27/08/2025